



LEITURA CRÍTICA DE *O MUNDO É UM MOINHO*: O TEATRO POPULAR NO SÉCULO XX. HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Alexandre Mate*

Universidade Estadual Paulista – UNESP

alexandre_mate@yahoo.com.br

Inúmeras são as experiências estéticas – e não se sabe por quanto tempo elas ainda poderão ser evocadas – que se encontram apenas na memória dos sujeitos que delas participaram. Urge, portanto, intentar todos os esforços no sentido de recuperar e registrar tantos acontecimentos importantes, restritos e condenados ao esquecimento, sobretudo aquelas concernentes, na ausência de melhor expressão, às “formas erradas, *gauches*”. De modo diferenciado, experiências estéticas ligadas ao teatro hegemônico têm conseguido amearhar – o que, sem dúvida, é essencial – registros documentais. Por conta dessa espécie de lógica de excludência, e completamente infensa à dialética, conhece-se pouco acerca do conjunto das experiências teatrais, sendo a produção hegemônica aquela que funciona como baliza estética de “todo o produzido”. Dos danos daí decorrentes, a canonização padronizante das formas hegemônicas, ao subsumir da história experiências significativas, apresenta referências às formas populares, quando ocorre, por meio de tons desqualificantes e classistas.

Orientado no processo de mestrado pelo professor J. Guinsburg, Robson Corrêa de Camargo – com intensa militância no movimento estudantil durante o período da ditadura militar, contrasta sua militância política, lastreada nos princípios do marxismo, aos cânones acadêmicos e universitários –, apresenta uma excelente reflexão do Teatro Popular do SESI, da cidade de São Paulo. O professor Guinsburg, na introdução da publicação, lembra da escandalosa e tonitruante risada do estudante

* Professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; pesquisador de teatro e integrante dos Núcleos Nacional e Paulistano de Pesquisadores de Teatro de Rua.

Robson, durante o período de graduação, e assumiu os desafios da orientação, porque reconhecia a capacidade e estofado do estudante para realizá-la.

Assim, apesar de a publicação da dissertação de mestrado ser pouco extensa (118 páginas), não há dúvida quanto à sua importância, tanto pela escolha do tema quanto pela pertinência em sua abordagem reflexiva.

O mundo é um moinho: o teatro popular no século XX. História e experiências (publicado em 2009, pelo governo de Goiânia e pela Editora Kelps), ao tomar como assunto a criação do Teatro Popular do SESI – trajetória, repertório e pressupostos fundantes, sem dúvida, além de trabalho de recuperação de experiência estética significativa, presta justa homenagem ao grande homem de teatro Osmar Rodrigues Cruz.



Ao rastrear a trajetória do TPS (1962-1992), sob a direção de Osmar Rodrigues Cruz – enfatizando, sobretudo os lastros estéticos e políticos (Théâtre National Populaire – TNP, de Jean Vilar e as experiências da Freie VolksBühne alemã), e suas mudanças de orientação –, o pesquisador discorre sobre os alcances e conquistas da instituição patronal junto à classe trabalhadora, em abordagem sempre contextual. O livro é estruturado em 19 partes, introdução e conclusão.

No percurso analítico, o pesquisador discorre, ainda que não de modo profundo (pelas limitações editoriais), sobre o social e seus descaminhos conceituais, impostos, evidentemente, pelas armadilhas do capitalismo; apresenta as origens do Teatro Popular do SESI, suas transformações e considerações sobre a criação de um teatro operário, conciliado aos interesses de certo empresariado paulista, atento às festas-espetáculo; discorre sobre o popular, traçando e desenvolvendo novas abordagens e considerações, tendo em vista as experiências e fases do TPS; destaca e apresenta dados relevantes sobre o “homem de teatro” Osmar Rodrigues Cruz; apresenta e comenta tanto a escolha pelo repertório (tantas vezes contraditório) apresentado pelo TPS quanto rebate algumas

críticas sobre os espetáculos ali apresentados. Assim, ao “aferrar seu nariz no objeto do conhecimento”.¹ Robson não abre mão de conceitos marxistas para analisar a importância e significado da experiência majoritariamente lastreada nos pressupostos formais do TNP, de Jean Vilar.

O percurso de análise inicia-se apresentando alguns dados pessoais do estudante de escola pública em São Paulo e seu interesse pela linguagem teatral, na condição de espectador, tendo em vista os importantes espetáculos apresentados na cidade, durante a década de 1960. Destaca seu início por entre os escaninhos da linguagem, iniciado em curso de que participa em 1969 (período sob o AI-5); menciona, em rápida alusão sua passagem pela universidade, e destaca o enfrentamento dos estudantes à ditadura militar cujo reinício ocorre em 1977. Da década de 1980, destaca a decepção de 1984 (alusão ao processo representado pelas Diretas Já!); e, já no mestrado, em 1987, menciona que a sugestão para estudar o TPS lhe fora apresentada pelo professor J. Guinsburg. Para aguçar e desafiar o estudante-pesquisador, o TPS se caracterizava, até o momento do início da escolha do tema, em um dos mais significativos produtores teatrais do Brasil e da América Latina.

Por conta das reflexões apresentadas na obra, cuja bibliografia é excelente e cujos excertos bibliográficos aparecem em justa medida, tem-se acesso a importante capítulo do teatro paulistano, cujas raízes, hoje fugidas do TPS – que atualmente se dedica a outra linha de montagens, com espetáculos experimentais – encontram-se espalhadas e revivificadas em incontável número de experiências em curso. Ainda com relação à bibliografia, mesmo que os capítulos sejam pouco extensos, com relação àquele que toma como assunto o teatro proletário, o pesquisador, além da análise - que passa por indicadores fundamentais das freies VolksBühnes alemãs, ao Théâtre du Peuple francês, dos circulos filodrammatici italianos, elenca excelente fonte bibliográfica àquele que quiser se aprofundar.

Para concluir, e ao considerar a pertinência do assunto, o texto incorre em “um pecado não original”: sua curta extensão. Robson desenvolve uma reflexão e/ou prenúncio dela, em determinadas passagens, e, como já destacado, a partir de pressupostos relevantes. Entretanto, o livro com um pouco mais de 100 páginas não permite o aprofundamento de questões absolutamente relevantes e pouco desenvolvidas,

¹ BRECHT. **A vida de Galileu**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ainda, no teatro brasileiro. De qualquer modo, pesquisadores e interessados tanto no TPS como a outros a ele concernentes toparão com livro denso, mas não dirigido aos sisudos pesquisadores encerrados nas academias. O autor, por suas tradições marxistas dialoga com a obra e a aproxima, no melhor dos sentidos, aos leitores cujas experiências práticas caracterizam-se fundamental à troca de experiências.



www.revistafenix.pro.br